

## **A PARÁBOLA DA TRINDADE: DA KÉNOSIS À ASCENSÃO**

*José Lucas de Lima Pereira<sup>1</sup>*

### **Resumo**

Utilizando a figura geométrica da parábola como imagem teológica, o estudo explora a dinâmica trinitária de descida (kénosis) e elevação (ascensão). Por meio de uma analogia com a parábola bíblica, analisa-se a participação humana no mistério pascal e sua elevação em Deus. O método se fundamenta em uma leitura simbólica da geometria aplicada à teologia trinitária. Conclui-se que a parábola reflete o movimento divino de redenção, abrangendo a criação e elevando-a ao mistério da Cruz e da ressurreição, participando do dinamismo do amor trinitário.

**Palavras-chave:** Ascensão. Kénosis. Descida. Parábola. Movimento trinitário.

### **1 INTRODUÇÃO**

Geralmente, ao tratarmos em teologia sobre o conceito de parábola, remetemo-nos às histórias contadas por Jesus e narradas pelos evangelistas, que têm como objetivo transmitir ensinamentos profundos através de exemplos do cotidiano dos destinatários. O Catecismo da Igreja Católica afirma que as parábolas “são um traço típico do seu ensinamento” e que “são como espelhos para o homem” (§ 546). Além disso, elas representam a primeira forma de revelação da novidade do Reino, funcionando como uma explicação propedêutica para os discípulos, dentro da lógica pedagógica de Jesus.

Neste contexto, queremos explorar uma imagem geométrica para o termo parábola, extraída da ciência matemática, que servirá de modelo conceitual para pensarmos o movimento kenótico e ascendente operado por Deus. De acordo com Machado (2007), uma parábola “é uma curva obtida através da intersecção da superfície de um cone com um plano

---

<sup>1</sup>. Graduando do curso de Bacharelado em Teologia na Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: jose.00000845593@unicap.br

paralelo a uma de suas geratrizes," resultando em uma curva simétrica que, traduzida para um plano cartesiano, percorre um conjunto de pontos. Essa imagem geométrica (uma curva em forma de U) será utilizada como um modelo da economia Trinitária, sem a intenção de nos aprofundarmos em um estudo de geometria.

Ainda na matemática, a parábola é representada no plano cartesiano como uma função de segundo grau, descrita pelo modelo:  $f(x) = ax^2 + bx + c$ , onde  $a$ ,  $b$  e  $c$  são números reais, e  $x$  é a variável da função. Os coeficientes determinam o formato gráfico da parábola, com a concavidade voltada para cima quando  $a$  é maior que 0 e para baixo quando  $a$  é menor que 0. Assim, tomamos como modelo para o movimento da economia trinitária a parábola em seu formato positivo, refletindo o movimento de descida e subida na Trindade, que se revela por amor e eleva o homem "obra de suas mãos." Dessa forma, a parábola da geometria será uma figura que nos auxiliará a falar de realidades superiores.

## **2 A TRINDADE IMANENTE: DEUS NA SUA GLÓRIA**

Esse Deus possui um modo próprio de se revelar, mostrando-se como um Deus Trindade. Kasper (1974) destaca que "o credo trinitário é, por isso, a fórmula da fé cristã por excelência e o enunciado crucial da compreensão cristã de Deus", definindo o conceito de Deus através da história da revelação e fundamentando essa história na essência divina. Assim, o Deus Trinitário é um Deus de relação. Moltmann (1993, p. 36), ao retomar o conceito de pericorese dos Padres da Igreja, especialmente de São João Damasceno, afirma que "em Deus, há uma eterna comunhão das diferentes pessoas, graças às suas múltiplas coabitações e sua compenetração recíproca".

A relação entre as Pessoas da Trindade é, por si, uma relação de amor, como reitera São João na sua primeira carta: "Deus é amor" (1Jo 4,8). Oliveira (2017, p. 11), invocando Agostinho, afirma que no amor se encontram três realidades: "o que ama, o que é amado e o mesmo amor."

Podemos assim aludir esses três papéis às pessoas da Trindade: O Pai é o que ama, o filho é o amado e o Espírito o mesmo amor.

### **3 As “DESCIDAS DE DEUS” – DA CRIAÇÃO À ASCENSÃO**

Esse movimento de Deus transborda para fora de si, e ao falarmos da descida de Deus, logo pensamos na encarnação do Verbo. Na liturgia romana, ao rezar essa Verdade de Fé, como na oração do Credo, todos se inclinam ou genufletam nas palavras “E se encarnou, etc”, conforme indica a Instrução Geral do Missal Romano (Edições CNBB, 2023, nº 137), lembrando esse movimento de descida. Contudo, essa descida ocorre muito antes da própria Encarnação, como evidenciado em várias passagens das Escrituras.

Alguns autores patrísticos atribuem o termo grego *kénosis* a esse movimento de “descida”, derivado do verbo *κενόω*, que significa esvaziar ou humilhar (Koubetch, 2004, p. 188). Von Balthasar fala sobre uma “*kénosis* intradivina”, ou seja, uma *kénosis* que se dá nas relações entre as Pessoas Trinitárias (*pericorese*). É o Pai que se esvazia para ir até o Filho; o Filho que é Filho pela relação com o Pai; e o Espírito, que é Amor e a própria relação: Amante, Amado e Amor, em linha com o pensamento de Santo Agostinho.

#### **3.1 Antigo Testamento: Criação**

O Concílio Vaticano II, na constituição *Dei Verbum*, afirma que “aprove a Deus, na sua bondade e sabedoria, revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade” (DV, 2). Portanto, o homem pode conhecer a Deus porque Ele se revela ao ser humano. O primeiro local dessa revelação é a criação. A Constituição Dogmática *Dei Filius*, do Papa Pio IX (1870), destaca que a “existência de Deus Criador pode ser conhecida, com certeza, por meio de suas obras, graças à luz da razão humana, ainda que, muitas vezes, este conhecimento seja obscurecido e desfigurado pelo erro”.

O Catecismo da Igreja (§290) declara que a criação é obra da Trindade, partindo das primeiras palavras do livro do Gênesis (“No princípio, Deus criou o céu e a terra” - Gn 1,1). Desses versículos, inferem-se três

verdades: 1. “o Deus eterno iniciou tudo o que existe fora dele”; 2. “Só ele é criador”; 3. “Tudo o que existe depende daquele que lhe dá o ser”. Dessa forma, tudo é obra das mãos de Deus, fruto do transbordamento de seu amor. O poema da criação é repleto de “descidas” de Deus, especialmente ao criar o homem (Gn 2,7) e ao descer para passear no jardim (Gn 3,8).

O Evangelho de São João afirma que tudo foi feito pela Palavra/Verbo, enquanto a carta aos Colossenses diz que “tudo foi criado por ele e para ele. Ele existe antes de todas as coisas e nele todas as coisas têm consistência” (Cl 1, 16-17). O Espírito também é reconhecido como o “Senhor que dá a Vida” no Símbolo Niceno-Constantinopolitano. Schmaus (1964) observa que os Santos Padres expressam a ideia de que o mundo foi criado pelo Deus Trino em comunhão de ação, e, referindo-se ao Concílio Lateranense IV, que Deus é o único e direto criador de todo ser que existe fora Dele.

### 3.2 Antigo Testamento: Aliança e Profecia

Ainda, na mesma linha de raciocínio do Catecismo da Igreja, em seus parágrafos 287-288, percebemos a intrínseca ligação entre a criação e a aliança de Deus com um povo. Esse conhecimento vai além do saber natural. Mais do que isso, Deus foi se revelando progressivamente a Israel seu povo eleito.

Em continuidade com os supracitadas parágrafos do Catecismo, percebemos que Deus escolheu primeiramente os patriarcas, tendo, como afirma a *Dei Verbum* (14), estabelecido uma aliança com Abraão, selando com ele uma promessa:

Naquele dia o Senhor estabeleceu uma aliança com Abrão nestes termos: à tua posteridade darei esta terra, do Rio do Egito até o grande Rio, o Rio Eufrates, os quenitas, os cenezeus, os cadmoneus, os heteus, os fereseus, os rafain, os amorreus, os cananeus, os gergeseus e os jebuseus (Bíblia de Jerusalém, 2016, Gn 15,18-21, p. ?)

Segundo ainda Sattler e Schneider (2002, p. 60), esse modo de ação de Deus marcou a experiência desse povo, a qual se caracteriza por dois

aspectos: “Deus providencia o espaço vital (promessa da terra) e a continuidade de existência do clã (promessa da descendência).” Estabeleceu também aliança com o povo de Israel através de Moisés, libertando-o da escravidão do Egito, “de tal modo que se revelou com palavras e obras, a esse povo eleito, como único Deus verdadeiro e vivo, que Israel conheceu por experiência os caminhos de Deus a respeito dos homens.” (DV, n. 14). Israel experimenta sempre a proximidade deste Deus. Zenger (1983, p. 11 *apud* Sattler; Schneider, 2002, p. 66), falando sobre essa revelação nos diz que: “Ele é tão vivo que ele o é não para si e junto a si, mas para os outros e com outros – com seu povo.”

Aqui se destaca a Solene descida de Deus sobre o Monte Sinai, na grande *teofania* (Ex 19, 16-25). O texto bíblico afirma claramente no versículo 18 que “o Senhor descera sobre ela no fogo”, referindo-se à montanha, selando assim com aquele povo a Aliança e entregando-lhe os mandamentos.

Finalmente falou Deus também pelos profetas, como unanimemente afirma tanto a *Dei Verbum* (n. 14), como o Catecismo (§288), quando explica o primeiro que o povo de Israel compreende mais claramente os caminhos traçados por Deus quando “ouvindo o mesmo Deus falar por boca dos profetas, e os tornou mais conhecidos entre as nações” e o segundo que “a verdade da criação se exprime com crescente vigor na mensagem dos profetas”.

### **3.3 Descidas de Deus no Novo Testamento: a encarnação**

Dois prólogos bíblicos nos preparam para entender as “descidas” de Deus: o prólogo do Evangelho de São João (Jo 1, 1-18) e o da Carta aos Hebreus (Hb 1,1-4). No Antigo Testamento, Deus comunicava-se colocando suas palavras na boca de profetas, como em Deuteronômio 18,18: “colocarei minhas palavras em sua boca.” Na nova aliança, Deus não envia apenas palavras, mas a própria Palavra, que se encarna em Jesus: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14), realizando um movimento único de união com a humanidade.

Essa encarnação manifesta o Reino e a própria Pessoa de Deus, pois, se antes Ele “falou de muitos modos” (Hb 1,1), agora o faz plenamente por meio de seu Filho unigênito, “a quem constituiu herdeiro de todas as coisas” (Hb 1,2). A kénosis do Filho é expressão da kénosis do Pai, através do Espírito, como afirma Xavier (2005). Santo Afonso Maria de Ligório captura poeticamente essa descida amorosa em “Tu Scendi Dalle Stelle” (“Tu descas das Estrelas”), exaltando o Criador, que, ao tornar-se pobre por amor, nos aproxima de sua divindade na simplicidade da encarnação.

Joseph Ratzinger (2020) faz uma apreciação importante no fato de que este evangelista, diferente de Mateus, analisa a genealogia a partir do cume da árvore, com um caráter de descida:

[...] Outra diferença consiste no de Lucas não subir, como Mateus, a partir dos primórdios – da raiz – até o presente, até o cume da “árvore”, mas descer do “cume”, que é Jesus, para as raízes, tendo em vista, no entanto, mostrar no final que a raiz última não se encontra nas profundezas, mas no “alto”, em Deus que está na origem do ser humano: “... Enós [era filho] de Set, [filho] de Adão, [filho] de Deus” (Lc 3,38) (Ratzinger, 2020, p. 17).

Dessa forma, toda a vida de Jesus foi uma *kénosis*, uma descida para alcançar o homem, já manifesta de forma visível no mistério da encarnação, como profundamente alude o prefácio do Natal do Senhor II:

Ele, no mistério do Natal que celebramos, invisível em sua divindade, tornou-se visível em nossa carne. Gerado antes dos tempos, entrou em nossa história para erguer em si o mundo decaído, restituir a integridade do universo e chamar para o reino dos céus a humanidade perdida pelo pecado (Missal Romano, 2003, p. 456).

### 3.4 O Mistério Pascal

O Mistério Pascal de Cristo é o ponto central onde se converge a descida e a ascensão da Trindade. A cruz é como que o paradigma pelo qual se pode enxergar agora todo o caminho, desde a criação até a Parusia. A Constituição *Sacrosanctum Concilium* lembra a centralidade

desse mistério:

Esta obra da redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, que tem seu prelúdio nas maravilhas divinas operadas pelo povo do Antigo testamento, completou-a o Cristo Senhor, especialmente pelo mistério pascal de sua sagrada paixão, ressurreição dos mortos e gloriosa ascensão; por este mistério, Cristo 'morrendo, destruiu a nossa morte e, ressurgindo, deu-nos a vida'. Pois, do lado de Cristo agonizante sobre a cruz nasceu 'o admirável sacramento de toda a Igreja' (SC n. 5).

Neste paradigma da Cruz, começa agora como que um caminho de retorno, de ascensão. O Cristo que desce até o limite da condição humana, por amor obediente ao Pai, na força do Espírito, como nos relata o hino da Epístola aos Filipenses (Fl 2, 6-11).

O Evangelho de João apresenta de modo simultâneo a cruz e ascensão, ou seja, já na Cruz acontece a ascensão e a entrada Corporal do Cristo na glória, assim como o envio do Espírito e o nascimento da Igreja. Diante desse fato podemos assim definir certamente a Cruz, como o ponto chave da ascendência da parábola em sua concavidade.

"[...] quando eu for elevado da terra atrairei todos a mim" (Jo 12,32) afirma Jesus. A cruz é também mistério de atração. Jesus atrai o homem para que, de certa forma, o homem possa também ser elevado com ele. Ora, Jesus também disse que "ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o atrair" (Jo 6,44). Refletindo sobre esta atração, o Papa João Paulo I (1978), partindo dos questionamentos de Santo Agostinho sobre a liberdade cita-o: "Deus atrai-te não só de modo que tu mesmo venhas a querer, mas até de modo que gostes de ser atraído."

Tantardini (2010, p. 20), meditando sobre o pensamento de Tomás de Aquino, que afirma: "*Inspiravit [Deus Pater] ei voluntatem patiendi/ [Deus Pai] inspirou em Jesus sua vontade de aceitar a paixão/ [...] infundendo ei caritatem/ [...] infundindo em seu coração a caridade.*", nos diz que a paixão de Jesus não é heroísmo. Meditando sobre o abandono de Jesus na cruz, ele lembra que o Cristo abandonado na Cruz, abandona-se também ao Pai: "experimentou toda a dor, toda a dor de ser abandonado pelo Pai.

Mas o Pai lhe deu a plenitude da caridade, ou seja, o Espírito Santo. O Pai lhe deu assim a possibilidade, enquanto era abandonado, de abandonar-se. Moltmann de maneira muito profundo comenta também este abandono:

No abandono divino de Cristo, Deus sai de si mesmo, deixa seu céu e está presente em Cristo para chegar a ser o Deus e Pai dos abandonados. Cristo morre exclamando a Deus, por quem se sente abandonado. Onde está Deus nos acontecimentos do Gólgota? Está em Cristo que morre (Moltmann, 1997, p. 37).

O Filho entrega ao Pai o seu Espírito, e, em contrapartida, o Pai entrega ao Filho todo o seu Espírito na ressurreição, fazendo-O ressurgir glorioso do sepulcro. Essa dinâmica revela que a teologia da cruz é, na verdade, uma teologia trinitária de kénosis e ascensão. O Prefácio da Páscoa III (Missal Romano, 2023, p. 468) afirma: “Imolado já não morre; e, morto, agora vive eternamente.” Assim, a ressurreição de Jesus marca um novo tempo para a humanidade, conforme Ratzinger (2020, p. 220), que destaca que “na ressurreição de Jesus foi alcançada uma nova possibilidade de ser homem, uma possibilidade que interessa a todos e abre um futuro”.

Cristo desce à “mansão dos mortos” para resgatar o homem caído, conforme a explicação do Catecismo da Igreja Católica (§ 634): “a descida aos infernos é o cumprimento, até sua plenitude, do anúncio evangélico da salvação.” A antiga homilia do Sábado Santo relata um diálogo poético entre Cristo e Adão, enfatizando que Deus desceu ao extremo para salvar os homens. Ele desceu até a morte para libertar a humanidade da morte e, agora, segurando-os pela mão, Ele os eleva às alturas do céu. A carta aos Efésios afirma: “Ele desceu às profundezas da terra. Aquele que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os céus, a fim de encher o universo” (Ef 4,9-10)

A promessa feita pela serpente no Éden, de que “sereis como deuses” (Gn 3,5), é agora realizada na verdade de Cristo, que eleva o homem à condição divina. Isso se concretiza com o envio do Espírito Santo, que, por meio do Batismo e dos sacramentos, torna os homens “herdeiros de Deus e

coerdeiros de Cristo” (Rm 8,17). A constituição dogmática *Lumen Gentium* afirma que “o eterno Pai, por decisão inteiramente livre e insondável da sua bondade e sabedoria, criou o universo, decretou elevar os homens à participação da sua vida divina e não os abandonou quando pecaram em Adão” (LG n. 1). Assim, o Espírito Santo é enviado para elevar o homem à estatura do Homem perfeito (Ef 4, 13).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a Trindade exige fé e esforço racional, pois a Trindade não é apenas uma noção teológica, mas uma verdade essencial. Ela nos revela o mistério de Deus – o grande “Eu Sou” – que se manifesta por amor e misericórdia. Esse mistério nos conduz ao entendimento de que Deus é um movimento eterno e, ao criar o homem, já o insere nessa dinâmica de comunhão, libertando-o para o infinito das relações pelo mistério da redenção.

A figura geométrica da parábola foi utilizada para ilustrar o movimento trinitário de descida (kénosis) e elevação. Este modelo parabólico reflete o percurso de Deus, que na criação e na aliança com seu povo desce em amor, se encarna e redime a humanidade através do mistério pascal. A ascensão nos eleva a participar da vida divina pela efusão do Espírito, que nos transforma em filhos de Deus, conduzindo-nos a uma comunhão plena com o Pai.

Esse movimento trinitário não se limita ao passado; ele ocorre continuamente no “kairós” – o tempo eterno de Deus. O mesmo movimento parabólico de kénosis e ascensão manifesta-se na missão da Igreja, nos sacramentos e na presença divina nos pobres e marginalizados. Assim, a parábola geométrica, em seu duplo sentido, torna-se uma metáfora eficaz para vislumbrarmos as realidades profundas do Mistério Trinitário.

## REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. 11.ed. São Paulo: Paulus, 2016.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium: Sobre a Sagrada Liturgia*. In: DOCUMENTOS da Igreja: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. 8. ed. São Paulo: Paulus, 1997. p. 33-86.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium: Sobre a Igreja*. In: DOCUMENTOS da Igreja: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 101-197.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum: Sobre a Revelação Divina*. In: DOCUMENTOS DA IGREJA. Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997. p. 347-367.

EDIÇÕES CNBB. *Instrução Geral do Missal Romano e Introdução ao Lecionário*. Brasília: CNBB, 2023.

JOÃO PAULO II, Papa. *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.

JOÃO PAULO I, Papa. Audiência Geral. Vaticano, 27 set. 1978. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/audiences/documents/hf\\_jp-i\\_aud\\_27091978.html](https://www.vatican.va/content/john-paul-i/pt/audiences/documents/hf_jp-i_aud_27091978.html). Acesso em: 21 nov. 2023.

KOUBETCH, Volodemer. *Da criação a parúsia – linhas mestras da teologia cristã oriental*. São Paulo: Paulinas, 2004.

MACHADO, Mirtes Tamy. *Parábolas: as curvas preciosas*. PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL - PDE, Londrina, nov 2007.

MOLTMANN, Jürgen. *Deus na Criação: Doutrina ecológica da criação*. Petrópolis: Vozes, 1993. 453 p.

MOLTMANN, Jürgen. *Cristo para nosotros hoy*. Madrid: Trotta, 1997. 128 p.

OLIVEIRA, José Lisboa. *O amante, o amado e o amor: Breves reflexões sobre o Deus de Jesus*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2017.

PIO IX, Papa. DEI FILIUS. Vaticano, 24 abr. 1870. Disponível em: [https://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/i-vatican-council/documents/vat-i\\_const\\_18700424\\_dei-filius\\_it.html](https://www.vatican.va/archive/hist_councils/i-vatican-council/documents/vat-i_const_18700424_dei-filius_it.html). Acesso em: 21 nov.

2023.

RAHNER, Karl. *Deus Trino, fundamento transcendente da história da salvação*. In: FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. (Ed.). *Mysterium Salutis: Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica*. Petrópolis, Editora Vozes LTDA, 1972.v.2. p. 283- 359.

RATZINGER, Joseph. *Jesus de Nazaré: Da entrada em Jerusalém até a Ressurreição*. 3. ed. São Paulo: Planeta, 2020.

SATTLER, Dorothea; SCHNEIDER, Theodor. *O Deus da Vida: Doutrina sobre Deus*. In:

SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. v. 1, cap. 1, p. 53-113.

SCHMAUS, Michael. *Teologia Dogmática: I. La Trinidad de Dios*. Madrid: Ediciones Rialp, S.A., 1960.

SCHMAUS, Michael. *Teologia Dogmática: II. Dios Creador*. Madrid: Ediciones Rialp, S.A., 1960.

TANTARDINI, Giacomo. *O Filho não pode fazer nada por si mesmo (Jo 5,19): Meditação Sobre a Santa Páscoa. 30 Dias*, Bérgamo, p. 4-44, 15 mar. 2010.

TRÍDUO Pascal - Sábado Santo: Ofício de Leituras. [S. l.], Séc. IV. Disponível em: <https://liturgiadashoras.online/triduo-pascal-sabado-santo/>. Acesso em: 21 nov. 2023.

XAVIER, Donizete José. *A teologia da Santíssima Trindade – Kénosis das Pessoas Divinas como manifestações do amor e da misericórdia*. São Paulo: Palavra e Prece Editora, 2005.